

UM LAPSO DE LÍNGUA

A LAPSE OF TONGUE

Carlos Augusto Monguilhott Remor

Doutor em Engenharia de Produção (UFSC)
Psicanalista e Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFSC)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC)
remor@matrix.com.br

Yuri Disaró Amado

Mestrando pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Psicanalista membro da Maiêutica Florianópolis Instituição Psicanalítica
yuriamado@gmail.com

RESUMO

A teoria psicanalítica baseia-se nas teses de que a vida psíquica é inconsciente e que as pulsões sexuais são fatores causadores tanto da psicopatologia da vida cotidiana quanto das chamadas doenças mentais. O presente trabalho é constituído a partir de um aspecto da psicopatologia da vida cotidiana – um ato-falho – e por reflexões sobre a complexidade e extensão das questões trazidas por ele, seus derivados nos chistes, suas relações com o inconsciente e a linguagem.

Palavras-chave: Lapso de língua. Chiste. Ato-falho.

ABSTRACT

The Psychoanalytic theory is based on the thesis that the psychic life is unconscious and that sexual drives are causal factors of both psychopathology of everyday life and so-called mental illness. This paper was produced out of an aspect of the psychopathology of everyday life – the parapraxis – a reflection about the complexity and extent of this issue, its derivatives in wits, and their relations with the unconscious and the language.

Key-words: Slip of the tongue. Wit. Parapraxis.

1 INTRODUÇÃO

Qualquer pessoa que tenha tido a oportunidade de investigar na literatura da estética e da psicologia a luz que estas podem lançar sobre a natureza dos chistes, e sobre sua posição, deverá provavelmente admitir que os chistes não vêm recebendo tanta atenção quanto merecem, em vista do papel que desempenham na nossa vida mental (FREUD, 1976c, p. 21).

Esse artigo trata¹ de algumas relações entre a linguagem e o inconsciente pela via dos chistes e dos atos-falhos, parte-se do pressuposto de que os atos falhos somente são falhos da perspectiva da consciência, pois sob o ponto de vista do inconsciente são atos certos. Além disso, considera-se que o inconsciente tem estrutura de linguagem.

Os conceitos de inconsciente, ato-falho e chiste aqui utilizados são sustentados nas teorias de Freud e Lacan. Assim, procura-se mostrar² algumas articulações entre inconsciente e linguagem. Essas reflexões foram suscitadas por um ato-falho do próprio autor em uma conversação com um seu aluno.

Esse ato-falho possibilitou a revelação de um sentido até então não percebido, mostrando-se através dele a teoria na prática. Isso é corroborado pelo que Freud ([1901], 1976a) escreve em *A psicopatologia da vida cotidiana*, onde³ versa sobre a idéia de que o inconsciente se mostra em ato no cotidiano da vida, mesmo que o sujeito em questão não o perceba como tal.

2 CONEXÕES ENTRE ATO-FALHO, INCONSCIENTE, CHISTE E LINGUAGEM

Um “Lapso de língua”, título deste texto, indica que o início de sua concepção residiu no que em psicanálise se chama de ato-falho. Um ato que sob o ponto de vista da consciência de quem o executa representa uma falha, um erro. São bem conhecidos estes atos nos quais falamos algo diferente do que pensamos, escrevemos em direção diversa da intencionada, lemos uma palavra errada, esquecemo-nos de nomes, objetos. Ou ainda, fenômenos baseados no esquecimento não permanente, apenas temporário.

Contudo, segundo Freud, estes atos têm uma intencionalidade, ainda que não consciente por parte de quem os comete. A psicanálise ensina que não há descontinuidade na vida psíquica, o que sustenta o fato de que se use como regra da análise a associação-livre. O termo conota uma liberdade que não existe, pois o que for dito estará sempre determinado pelos conteúdos inconscientes. Assim a chamada associação-livre apenas é livre da censura consciente.

A percepção da função dessas lacunas, tanto de memória quanto as manifestadas em atos, levou Freud ([1916], 1976b, p. 34) a comentar que duas teses da psicanálise são um insulto ao mundo inteiro. Uma ofende um preconceito intelectual e outra, um preconceito estético e moral. Comenta que estes preconceitos são forças poderosas e que foram úteis e até mesmo essenciais na evolução humana.

A primeira aponta que “os processos psíquicos são, em si mesmos, inconscientes e que, de toda a vida mental, apenas determinados atos e partes isoladas são conscientes, e que temos o hábito de identificar o que é psíquico com o que é consciente” (FREUD [1916], 1976b, p. 34). A psicanálise, porém, não pode aceitar a identidade do consciente com o psíquico.

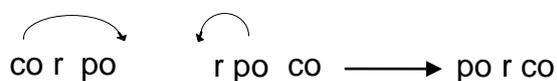
A segunda tese é uma afirmação no sentido de que as pulsões, que apenas podem ser descritas como sexuais, desempenham um papel importante na causação das doenças mentais, embora isto até o momento não seja aceito como tal. E, que essas mesmas pulsões sexuais também fornecem contribuições às mais elevadas criações culturais, artísticas e sociais do espírito humano.

A psicanálise ensina que a cultura foi gerada sob a pressão das exigências da vida, à custa da satisfação das pulsões; e que a civilização, em grande parte, é constantemente recriada, uma vez que cada pessoa repete esse sacrifício da satisfação pulsional em benefício de toda a comunidade (FREUD, [1916], 1976b, p. 35-36).

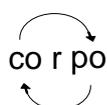
A pulsão sexual, conceito que já é uma das marcas registradas da psicanálise, somente se inscreve no psiquismo através da passagem de alguma excitação/estímulo pelo corpo. Contudo, por isso mesmo, esse corpo é resistente ao saber instituído, ao saber médico e biológico, alentado por outro saber, o saber não sabido, ou seja, inconsciente. O corpo como literalidade não tem consistência carnal enquanto não for invadido pelo dizer, para poder tornar-se corpo libidinal constituído por bordas, cortes e limites que lhe darão forma pulsional. Os discursos produzem, então, desde os belos corpos dos deuses gregos ao corpo *high tech* da medicina atual.

O que foi feito com a palavra deve ser desfeito com a palavra, diz-nos Lacan [1977] sobre o saber-fazer do psicanalista. A articulação entre corpo e linguagem remonta às origens da psicanálise e é sempre atualizada nos laços sociais, mostrando a cada vez uma nova cara, um novo corpo, renovando continuamente a mesma questão sobre o inconsciente freudiano. O ato-falho que deu lugar à questão em causa envolve uma referência ao corpo, na qual este termo fora trocado, como num anagrama, pelo termo porco, pois corpo pode ser lido de trás

para frente, sílaba por sílaba. Das duas sílabas, desloca-se uma parte da primeira sílaba [co] para o final e a segunda sílaba [po] para o início da palavra, mantendo a letra “r” na posição central, o que resulta em porco, como mostrado a seguir.



Ou na representação de um giro, em que a letra “r” se mantém fixa:



Esse aparente anagrama remonta também a um aspecto homofônico, ambos os vocábulos soam de forma semelhante em seu aspecto dissilábico. Essa homofonia pode ser tomada como algo de uma transliteração, ainda que dentro de uma mesma língua, na qual o corpo toma ares de porco. O porco pode ser considerado um sintoma, quando se o toma como aquilo que designa descuido e que resulta em falta de asseio corporal.

O porco é portador⁴ de características peculiares na cultura popular: para o povo muçulmano é considerado impuro; para os ocidentais, sinonimiza com sujo, impróprio e até mesmo ao diabo. O sintoma neurótico, do ponto de vista da psicanálise, não se localiza longe disso.

[...] os processos de condensação, com ou sem formação de substitutivos, de representação pelo *nonsense* ou pelo oposto, de representação indireta etc., os quais, como constatei, desempenham uma parte na produção dos chistes, mostram uma concordância muito abrangente com os processos de ‘elaboração onírica’ (FREUD [1905], 1976c, p. 183).

Nesses processos, as formas verbais que jogam com as palavras, e que aqui também se apresentam, consistem numa maneira de escrever que, como muitos mitos e histórias infantis, necessitam de modos indiretos quando não barrocos de expressão, como modo de alcançar certa compreensão por parte do leitor, como é o caso do chiste.

No chiste, quando não se entende a piada, alguém tem de explicá-la. Contudo, a piada explicada é entendida, mas perde a graça. Por sua vez, no caso de entender-se a piada, ela é engraçada, mas sua compreensão mostra-se, por este motivo, de outra ordem, posto que

não será a mesma da explicação posterior. Daí pode-se concluir que a linguagem não é somente a de ordem comunicacional. Assim, o chiste nos mostra a mesma estrutura do sintoma neurótico, tanto que, muitas vezes não sabemos se o que foi dito pode ser caracterizado como um chiste ou como um lapso de língua (ato-falho), a única distinção entre eles seria certo grau de consciência da intencionalidade em questão no chiste.

Em face desse e de muitos outros exemplos, não podemos mais discutir o fato de que uma analogia possa em si mesma se caracterizar como chiste, sem que essa impressão seja devida a uma complicação com alguma das conhecidas técnicas de chiste. Mas ao admitir isso, estamos completamente perdidos quanto a constatar o que determina a característica chistosa das analogias, já que tal característica decerto não reside na analogia como forma de expressão do pensamento ou na elaboração de uma comparação. Tudo que podemos fazer é incluir a analogia entre as espécies de ‘representação indireta’ usadas pela técnica do chiste, deixando sem solução um problema que encontramos com muito maior clareza no caso das analogias que no caso dos outros métodos do chiste, observados anteriormente. Além do mais, deve haver sem dúvida alguma razão especial pela qual a decisão quanto a qualificar ou não algo como chiste oferece maiores dificuldades nas analogias que em outras formas de expressão (FREUD [1905], 1976c, p. 183).

A respeito, Freud ([1905] 1976c) desenvolve um longo estudo, no qual comenta que o chiste tem a capacidade de “fundir, com surpreendente rapidez, várias idéias diversas umas das outras tanto em seu conteúdo interno, como no nexos com aquilo a que pertencem, [...] de fundir várias idéias” (Ibid, p. 23).

Se Freud, objetiva pela linguagem as chamadas formações do inconsciente: sonhos, atos-falhos, chistes e sintomas, e assim encontra o caminho para o inconsciente, Lacan o revive na afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

No que diz respeito à linguagem, sabemos que a psicanálise, desde Freud, caracterizou-se como o modo de processamento do inconsciente, pelo chamado processo primário, com suas duas ações: a condensação e o deslocamento (FREUD, [1900] 1976d, p. 272-276).

Esta teoria teve em Lacan ([1964] 1985, p. 25) um avanço no recurso à linguagem, ligando a condensação à metáfora e o deslocamento à metonímia, de forma a poder dizer que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e, mais ainda, que “é a soma dos efeitos da fala sobre o sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (LACAN, ano do texto 1985, p. 122).

Desse modo, as características do chiste são descritas por Freud ([1905] 1976c, p. 27) como as do inconsciente, este também apresenta: “a característica do juízo lúdico, a conjugação de coisas dissimilares, as idéias contrastantes, o sentido no *nonsense*, a sucessão

de desconcerto e esclarecimento, a revelação do que estava escondido, e a peculiar brevidade”. Comenta ainda que seu âmago é a forma, pois “tal é o poder da posição, seja entre guerreiros, seja entre palavras” (Ibid, p. 31).

Nessas relações entre as palavras, se o porco não tem boa fama em nosso meio, o corpo não faz pender a balança para outra direção. Pelo contrário, ele historicamente sempre representou a referência ao baixo, ao vil, ao inferior, ao grosseiro, ordinário, desprezível, reles ou chulo. A literatura o mostra e o descreve como aquilo que deve ficar ausente, como proibido de aparecer sob qualquer circunstância.

Sua aparição é perigosa, qualquer referência ao corpo representa completa depreciação, rebaixamento ou humilhação. A Bíblia cita a nudez do corpo como a mostra das vergonhas: “Pois é assim que o rei da Assíria vai levar os cativos do Egito, os exilados da Etiópia, jovens ou velhos: estarão nus e descalços, com as nádegas descobertas (a vergonha do Egito)” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 479 - Isaías 20).

Nesse sentido, o gênero literário chamado de Tragédia, que contém um caráter grandioso, dramático e/ou funesto, de personagens ilustres ou heróicos, somente é capaz de atingir sua meta de infundir terror ou piedade na ausência do que se refere ao corpo. Nesse caso, o corpo é tão significativo que sua aparição ou mesmo uma pequena referência a ele é suficiente, por si só, de fazê-la decair da Tragédia para o nível da Comédia.

A Comédia, sim, versa sobre o cotidiano, o comum do humano, o baixo, o referente às necessidades e ao corpo. Por isso, na Tragédia não é permitido ao herói nenhuma menção à sua própria corporeidade, como, por exemplo, sentar-se, pois essa postura indicaria a necessidade corporal de descanso, traduzível em fraqueza, o que equivale a cair na Comédia novamente.

É importante notar que o trágico não é a infelicidade ou o drama, nem a catástrofe propriamente dita. Talvez o mais catastrófico seja a peremptoriedade de sermos o que somos e sabermos de nossa condição de finitos e mortais. A partir da literatura, portanto, fica evidente que o corpo não é sublime, não é nobre, não é grandioso, ilustre nem heróico; enfim, pode-se dizer que o corpo é, nessa perspectiva, considerado porco.

A nossa constante tentativa de fazer desaparecer o corpo encontra mostra no exemplo do balé, no qual insistentemente, como que por obra de um aparente vôo, uma dançarina quase não toca o chão, ou o toca apenas com as pontas dos dedos dos pés. Essa movimentação parece indicar ao expectador a possibilidade de alcançar o sublime, representado numa quase descorporização.

A isso Lacan se refere como perda da consistência do corpo, e fazendo uma palavra-junta o termo *corps* (corpo, em francês) com *consistance* (consistência, em francês), formando *corpsistência*, ou seja, perdendo a consistência do corpo para atingir o sublime do incorporeal (LACAN, 1970).

Esse nosso porco, ou seria corpo, como não poderia deixar de ser, segue as regras da biologia, exige a satisfação de necessidades e seu funcionamento acarreta sempre a geração de um resto. Um desses tipos de resto, o excremento, é considerado, no mais das vezes, como abjeto. Contudo, com frequência, essas necessidades se estendem até o ponto de recobrir a satisfação necessária correspondente.

Na exigência que o corpo faz para alcançar a satisfação das necessidades biológicas, o sujeito pode tentar esconder tanto as próprias necessidades quanto os atos que procurariam alcançar suas respectivas satisfações, posto que ambos os movimentos indicam privação, indigência, pobreza, míngua, ou seja, aquilo que constrange, que mostra a castração. Podem, portanto, ser tomadas como motivos de vergonha.

Nosso corpo é de carne, embora seja um disparate dizer isso, pois é de uma obviedade implacável. Ainda assim, essa carne é a sede em cujo âmbito se dá o chamado pecado da carne. Em posição contrária ao chiste, que trata do baixo, da carne, estão o sublime, o elevado, o excelso, o grandioso, o divino. Todas essas altas qualidades estão distanciadas da carne e conformam os motivos do gênero literário Tragédia.

Exemplo caricato de tal distanciamento do que é da ordem da carne aconteceu nos Andes, após a queda de um avião sobre uma região gelada. Alguns passageiros conseguiram sobreviver comendo pequenos pedaços de carne humana, enquanto outros não suportaram tamanha heresia.

Outro exemplo, menos incomum, diz respeito ao fato cotidiano e necessário, embora sempre um pouco incômodo, de que o neurótico sempre se surpreende ao ver a imagem de seu corpo no espelho – há sempre alguma coisa fora do lugar, alguma coisa de incômodo e desconcerto. Igualmente ocorre com a voz, pois há alguém que não se incomode ao ouvir a gravação de sua própria voz, que não pense logo num possível defeito do gravador, que este estaria em rotação errada ou, ainda, que não reconheça a voz como sua?

Tomados então, o corpo e o porco, carece ainda tratar de suas relações com o chiste. O chiste é um tema de características muito singulares. Seu estudo encontra-se no que se pode chamar de mais baixo nível nos estudos das ciências, pode-se até dizer que seu estudo é tão baixo que não faz parte de nenhuma ciência, ou seja, que a ciência mesma não o considera.

Assim como se diz popularmente, que “para criança, brinquedo é coisa séria”, podemos transpor em estrutura que “para a psicanálise o chiste é coisa séria”. O chiste tem funções sociais. Freud o considera “a mais social e menos privada” das hoje conhecidas como as quatro formações do inconsciente, ao contrário, por exemplo, do sonho que acontece na solidão. Apresenta a técnica do chiste como a técnica do inconsciente (FREUD, 1976c, p. 183-186).

A partir disso, numa pergunta retórica, Harari (1987, p. 198) indica que “o saber não sabido de um analisante se encontra estruturado como um chiste”. Pois, os chistes, freqüentemente substituem o *nonsense*, o ridículo e a crítica, tal como o faz a elaboração do sonho.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por um lado, o corpo representa a possibilidade de prazer. Chama atenção a moda atual na qual se procura por objetos fálicos, geralmente representados em corpos “perfeitos” de mulheres sempre jovens, prodígios da construção cirúrgica, com narizes, rostos, cabelos, peitos e bundas maravilhosas; inscrições e perfurações no corpo, adereços de toda ordem, cujas marcas⁵ procuram ao extremo a promessa de um gozo de completude, gozo fálico.

Por outro lado, representa também a morte, nesse sentido o corpo é também o morto. Não deveria ser necessário lembrar que é dessa forma que nos referimos ao morto: o corpo. Essa morte, dissolução, a que todo corpo está destinado. (FREUD [1929], 1976e, p. 95).

Outro ponto importante é que tudo isso se depara com mais um paradoxo. O corpo tem essas características, mas não é porco. Esse é o fantasma do neurótico, que Freud ([1905] 1976c, p. 153) já aponta, nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, como lugar onde o neurótico está cedendo aos inequívocos sentimentos de vergonha e repugnância que o protegem de aceitar os objetivos sexuais da espécie, que por sua vez remetem à finitude, uma das faces do que em psicanálise se chama de castração. Este conceito da teoria psicanalítica, tão central quanto complexo, está relacionado à falta.

A falta também é muito facilmente imaginizada pela ausência de um determinado objeto. Para situar a indeterminação deste objeto, Lacan afirma que “o desejo encontra comumente, no ato, antes o seu colapso que a sua realização, e na melhor das hipóteses o ato só apresenta ao desejo sua proeza, seu gesto heróico.” (LACAN, 1960, p. 14). É nessa procura apaixonada pelo objeto que aparece a falta, a castração, já que não existe este objeto que

inteire o sujeito, ou satisfaça a pulsão. Há sempre uma defasagem entre o objeto idealizado na busca e o objeto contingente possível. É essa mesma defasagem, na medida em que presentifica a falta, a impossibilidade, a incompletude, a finitude; enfim, a castração, que determinará o que será recalcado no sujeito.

A sexualidade é esta via pela qual a falta se instaura. Está presente desde a primeira infância, contrariando a opinião popular de que apenas é despertada na puberdade. Freud refere que esse é um equívoco de graves conseqüências e responsável por nossa ignorância, ainda hoje, sobre as condições fundamentais de nossa vida sexual (FREUD, 1905).

A sexualidade do ser falante não remete a uma realidade natural nem biológica, mas à psíquica, de inscrições. Além disso, por não ser inata nem instintual, há que ser apreendida desde fora, inscrita por outro. Erotização, esta, mediada pela fala e pela linguagem que acabam por inscrever o sujeito na cultura, esse emaranhado simbólico no qual estamos imersos e que, como simbólico, permite as substituições e o deslizamento significante.

Por fim, o corpo é fonte de prazer, erotismo, mas também sinaliza a morte, é o paradoxo sobre o qual trabalha toda a psicanálise. Talvez esse paradoxo seja mesmo a essência do chiste, de que o lugar da promessa mais erótica de prazer seja também o lugar da morte.

Isso deve ser o que Freud refere como o amargor do chiste, depois de interpretado, sua antítese de desconcerto – esclarecimento. Esclarecimento que mais vela do que revela, posto que pretende velar o que de desconcerto se abriu, como fenda diante do sujeito.

NOTAS

- ¹ Em psicanálise a instância psíquica o “eu” não é uno, nem único, por esse motivo, às vezes as referências serão realizadas na forma impessoal e outras na primeira pessoa do plural, conforme o caso exigir.
- ² Lacan insistiu no verbo mostrar, em lugar do verbo demonstrar. Sua intenção era conseguir afastar-se da demonstração matemática e lógica e aproximar-se do que chamou de mostraçõ na topologia. A topologia, segundo ele, necessita uma mostraçõ prática e não uma argumentaçõ lógica. Esse foi o caminho para alcançar o registro do Real, ou seja, o que não se pode simbolizar pela argumentaçõ linguageira. O exemplo mais clássico dessa mostraçõ encontra-se na cadeia Borromea, na qual três anéis são entrelaçados sem que nenhum atravesse os outros dois. Isso não pode ser explicado, mas pode ser mostrado.
- ³ O termo “onde” não é considerado de uso correto nesta circunstância, mas é outro conceito que, por indicar a questão do lugar topológico, foi insistentemente usado por Lacan como parte do seu ensino que se mostrava em ato. Por isso será algumas vezes usado, embora isso implique em não seguir o rigor das regras gramaticais.
- ⁴ Esta forma quase cacofônica de “porco portador”, obtida pela repetição, coloca claramente as questões da linguagem em suas relações com o sujeito da psicanálise, já que este é constituído pela linguagem e não, o contrário, que a linguagem constitua o inconsciente. Também lembra “o porco a dor”, ou seja, a dor do corpo.
- ⁵ O termo ‘marca’ conota, aqui, tanto o que foi marcado no corpo quanto à assinatura de alguma empresa produtora de algum adereço.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e novo testamento*. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- FREUD, S. [1901] *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. VI.
- _____(idem) *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. (v. XV).
- FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. (v. VIII).
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. (v. IV).
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1976e. (v. XXI).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1976f. (v. VII).
- HARARI, R. *Discorrer a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1987.
- LACAN, J. [1970], *Radiofonía*. Buenos Aires: RD-Ediciones electrónicas, 1999. (CD-ROM).
- _____. *Seminário, livro 25: el momento de concluir*. Buenos Aires: RD-Ediciones electrónicas, 1999. (CD-ROM). Inédito. (Aula 1 – una práctica de Charlatanería – 15/11/1977).
- LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.